

MARIA ALICE DA CRUZ  
halice@unicamp.br

**A**roma de comida caseira, plantas no quintal, aves que reproduzem uma pequena ária, afinadíssimas, conforme o pedido cantado da mestra. Assim a soprano Niza de Castro Tank quer a vida fora dos palcos. Simples. Mas sempre que a música chama, ela tranca a porta pelo lado de fora e vai cantar. Em casa, porém, entretida com seus afazeres, prefere não cantar. “Sai errado”, brinca a senhora de 80 anos, reconhecida como uma das mais importantes sopranos brasileiras. Tem uma biblioteca de óperas na cabeça, de acordo com depoimento da amiga Sarah Lopes no documentário *As Joias da Princesa: Niza de Castro Tank*, dirigido por Teresa Aguiar e Ariane Porto.

Niza nasceu numa família em que a educação musical era quase uma exigência. Já na infância era ouvinte de música, principalmente clássica. Apreciava especialmente Mozart e Bach. Mas para chegar ao status de uma profissional da música, explorou a qualidade de desafiar obstáculos. E qual seria o sabor da vitória sem desafios? O primeiro deles foi o que a revelou cantora. Durante uma aula de piano no Colégio São José, em Limeira, sua professora, uma freira que havia sido aluna de Fritz Jank, pediu que solfegasse um trecho de uma peça de Bach para ajudar na performance ao piano. Surpresa com a qualidade vocal e a afinação da aluna, a freira disse a Nadir,

de Campinas. De Carlos Gomes, Niza já emprestou quase tudo para seu canto. Algumas de suas canções, por um tempo perdidas, hoje estão gravadas na voz da soprano em um CD. O conjunto de 40 músicas está organizado em um livro, resultado de sua tese de doutorado, defendida na Unicamp quando Niza já era docente no Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade. Na tese, ela analisou cada uma delas.

A montagem das óperas no Brasil depende de força dos poderes públicos. Fora do Brasil, elas foram insistentemente montadas, segundo Niza, “porém, o que se faz por aqui, no solo onde esse mestre nasceu, é bonito, mas é tímido, singelo”. Por ação do Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA) e outros setores sociais de Campinas, a Semana Carlos Gomes ainda consegue organizar concursos, nos quais muitos musicistas foram revelados. Mas as óperas são caras e de difícil montagem, segundo Niza, por esse motivo precisariam de verba.

Quando a Unicamp criou a cadeira de canto no Departamento de Música, Niza estava com a documentação organizada para assumir a vaga de docente na Universidade de Brasília, mas desistiu da ideia ao receber o convite do maestro então diretor do DM Benito Juarez. “Arrumei as coisas no dia seguinte”, enfatiza. Um presente para a área administrativa da Universidade e os profissionais do Instituto de Geociências, pois foram ali as primeiras instalações do DM, de onde se podiam ouvir as primeiras notas emitidas pela soprano Niza Tank na Unicamp. Algumas vezes, por falta de

Fotos: Antonio Scarpinetti

# Niza Tank não resiste ao chamado da música

A trajetória  
de uma  
das mais  
importantes  
sopranos  
do país e  
ex-professora  
da Unicamp

Apresentação de Niza Tank durante a entrega da Medalha Carlos Gomes, na Câmara Municipal de Campinas, em 2007; reconhecimento internacional

irmã mais velha de Niza: “O piano será muito útil para os estudos de música de sua irmã, mas ela não será pianista, será cantora.”

Contente com as palavras da professora, Niza ficou feliz quando, ao chegar a Campinas, para onde a família inteira se mudou em 1945, o pai, funcionário público da Secretaria da Fazenda, disse a ela que lhe arrumaria uma professora de canto. Assim mesmo, no feminino: pro-fes-so-ra, acentua Niza. “Mas quem disse que, naquela época, encontrava uma professora?” Encontrou, para sua alegria, Silvio Bueno Teixeira, o único professor de canto de sua vida.

Exigente, o mestre não arriscou palpite promissor sobre o desejo da jovem Niza de trabalhar na *Rádio Gazeta*, dizendo que não seria cantora profissional. Mas sempre disposta a desafiar os desafios, como escrito anteriormente, viajou à capital paulista, mais precisamente aos estúdios da *Gazeta* e, apesar de não chegar em um dia reservado para apresentação-teste, convenceu, por estratégia, o maestro a ouvi-la. “Eu disse que não estava em busca de teste, mas sim da opinião de um maestro competente sobre meu potencial”, relembra. Voltou a Campinas com contrato assinado.

O sorriso largo foi se fechando aos poucos quando, ao chegar a sua casa, anunciou à família sua contratação. O olhar repreensivo daquele homem sério, descendente de alemães, por um momento deixou sua filha assustada. As palavras estão armazenadas até hoje no coração de Niza, que brinca: “Ele disse-me: ‘Filha minha não faz carreira artística.’” Mas logo, ela pôde comemorar as palavras da mãe: “Você se esquece que é minha também? Filha minha segue carreira artística”.

As aulas com Silvio não duraram muito, pois a cantora teve de se mudar para São Paulo. Suas previsões também nem passaram perto do que seria o futuro de Niza. Mas a cantora reconhece: “Samuel foi muito importante em minha vida. Ele foi exigente como um professor de canto deve ser”, evidencia.

Da ópera, conhecia somente trechos, que achava bonitos, mas não tinha inclinação para este repertório logo de início, porém, não se inibiu com o repertório complexo da *Rádio Gazeta*. Certa de que enfrentaria mais este desafio, deu seu melhor e, de 1954 a 1960, brilhou na programação da rádio cantando árias de óperas. Seu desempenho a levou à primeira apresentação no Teatro Municipal de São Paulo, em 1957.

Mas desafio maior que o seu, em sua opinião, foi a coragem do maestro Armando Belardi de gravar completa a ópera *Il Guarany*, composta por mais uma joia da Princesa, Antônio Carlos Gomes. A produção fez com que Niza ficasse conhecida como a primeira soprano a gravar a Ceci, namorada do índio Peri na ópera do compositor campineiro. “Um dos momentos que mais marcaram minha vida, pois se tratava de uma montagem muito complexa, por tratar de tribos indígenas, fidalgo português e muito mais personagens no elenco”, explica Niza. Mas o momento que faz marejar os olhos da cantora é o do lançamento do disco. “*Il Guarany* sempre esteve presente em minha vida. Aquela movimentação toda de Belardi escolhendo o elenco, organizando a encenação está guardada até hoje.”, reforça a cantora. “E quando ficou pronta, fomos à Itália com *Il Guarany*. Foi importante também por empregar e dar satisfação a muita gente”, retoca.

*Il Guarany, Schiavo, Fosca, A Noite do Castelo, Salvador Rosa, Colombo*. Ao relatar alguns detalhes dessas óperas, seja no documentário ou na entrevista, Niza agradece ao compositor e maestro Carlos Gomes e se desculpa, em nome dos campineiros, pelo fato que cobre parte de seu túmulo, no centro

“**Tem gente que tem muita qualidade, talento, postura, voz, mas tem um gênio horroroso**”

espaço físico, as aulas aconteciam ao ar livre para alegria da comunidade universitária.

“Aqui [na Unicamp], trabalhei com profissionais muito competentes e ainda tenho a oportunidade de atuar com alunos talentosos e assistir aos seus concertos. Tenho saudades da Unicamp, de meus alunos, meu trabalho e meus amigos. Trabalhei com pessoas muito boas, a começar pelos diretores Benito Juarez, José Antônio Rezende de Almeida Prado, Antonio Lauro Del Claro, Helena Jank, entre outros”. Mas Niza faz questão de mencionar o evento no qual celebrou 40 anos de amizade com a professora do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp Sarah Lopes.

Aos poucos, com revisões acadêmicas, o rol de alunos foi aumentando na vida de Niza, além dos que mantinha fora da Universidade, em horário contrário à jornada na academia. Conforme Niza, os alunos são seus filhos, já que a vida não lhe deu biológicos. Realiza-se também como mãe na relação com Raquel, sua secretária, “É como minha filha, e seu filho me chama de avó.” O orgulho de preparar músicos para o mundo é refletido nos olhos e no sorriso “saudoso” de Niza ao citar alguns nomes. “É bonito formar um aluno e fazê-lo entrar para o mundo que sempre sonhou, seja à frente de um musical, de uma orquestra, assumindo cargos públicos ou até mesmo dirigindo a ex-professora”.

O canto de Niza cruzou oceanos. As temporadas, lembradas com uma saudade gostosa, e não doída, como ela diz, foram importantes não somente pelo reconhecimento, mas para crescimento profissional. Nessa trajetória de mais de 50 anos, cantou em teatros de Israel, Rússia, Alemanha, Itália, Uruguai, entre outros. Entre as óperas das quais participou estão *Lucia de Lammermoor*, de Donizetti; *Rigoletto*, de Verdi; *A flauta mágica*, de Mozart. “Acabamos de receber uma gravação da Alemanha de Salvador Rosa e, para meu orgulho, o tenor é negro”, comemora Niza, que se diz admiradora do timbre de cantores negros. Apesar de gostar de falar de experiências internacionais, afirma que nunca passou por sua cabeça deixar o Brasil.

O reconhecimento como uma das melhores sopranos brasileiras foi colhido ao longo do tempo e, para Niza, independe do desejo do profissional. “Vem com a carreira, com o temperamento. Tem gente que tem muita qualidade, talento, postura, voz, mas tem um gênio horroroso. Acho que tenho bom gênio. Tudo isso ajudou, faz parte de minha constituição de artista”, revela.

Quando sua seleção para a *Rádio Gazeta* e, um pouco mais tarde, sua participação em várias montagens operísticas ganharam páginas em jornais da região, seus conterrâneos limeirenses questionaram o fato de ser chamada de “cantora campineira”. Mas a “Princesa D’Oeste” rapidamente lhe concedeu o título de cidadã campineira. E acabou com o assunto antes mesmo de ele tomar corpo. Hoje, faz parte das Joias da Princesa por adoção.

Nessa condição, tem permissão para fazer comentário final em seu perfil. “O acesso à música erudita amenizou nos últimos anos, pois alguns mitos, em minha opinião antipáticos, deixaram de existir, como proibir a entrada de homens sem terno e gravata. Outras inovações que atraem a sociedade aos concertos são a introdução das legendas para textos em língua estrangeira e a falta de rigor na indumentária dos personagens e no cenário. Essa modernização, sem exageros, pode aproximar a ópera da sociedade. Mas não podemos falar isso sobre Campinas, pois não temos um teatro. Só eu inaugurei o Castro Mendes duas vezes. E espero ter tempo de ver a terceira.”

